



## LÍRICA E AFRODESCENDÊNCIA: IDENTIDADES ÉTNICAS EM *CADERNOS NEGROS*

Ana Claudia Duarte Mendes

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

### RESUMO

Este estudo se insere nas temáticas que contemplam a Lei 11.645/08 em relação aos estudos de literatura afro-brasileira. Neste artigo selecionamos dois poemas presentes em *Cadernos Negros* (2006), volume 29, a fim de dialogar sobre as questões que permeiam esse fazer poético. As resistências e a necessidade de afirmação étnica que marcam a luta pela sobrevivência e a insurgência contra as heranças e cicatrizes do período colonial estão presentes no tecido poético afrodescendente e denunciam as práticas culturais de um país que produz desigualdades inúmeras e riquezas para poucos. Nesse sentido, a memória ancestral, as afirmações identitárias e os fazeres culturais percebidos nos poemas são relacionados e compreendidos a partir dos estudos decoloniais. Consideramos pertinente dialogar com o conceito de *colonialidade*, de identidade étnica e memória ancestral na perspectiva de desvelar o sentido dessa escrita, marcada pela consciência e necessidade de afirmação identitária, de construção de vivências étnicas e sociais mais inclusivas. O resultado esperado é o de promover a divulgação, o estudo e a visibilidade da poesia afrodescendente.

**Palavras-chave:** Afrodescendente. Poesia. Colonialidade. Memória. Ancestralidade.

### ABSTRACT

This study is inserted of thematic that contemplate the Law n. 11.645/08, in relation to studies of Afro-Brazilian literature. In this paper, we selected two poems present in *Cadernos Negros* (2006), volume 29, in order to dialogue about the issues for involving this poetic process. The resistance and need of ethnic affirmation who mark the struggle for survival and the insurgency against the heritages and scars of the colonial period are marked in the Afrodescendant poetic and they report the cultural practices of a country that produce many inequalities and wealth to few people. In this regard, ancestral memory, the identity affirmation and cultural manifestation perceived in the poems are related and understood as decolonial studies. We consider pertinent to dialogue with concept of *coloniality*, ethnic identity and ancestral memory with the perspective of exhibiting the meaning of this writing, marked by conscience and need of identity affirmation, ethnic and social living construct more inclusive. The expected result is promoting the dissemination, the study and the visibility of Afrodescendant poetry.

**Keywords:** Afrodescendant. Poetry. Coloniality. Memory. Ancestry.

**Ana Claudia Duarte Mendes** é professora doutora do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.  
E-mail: [anaclaudiadm@gmail.com](mailto:anaclaudiadm@gmail.com)



## 1 INVISIBILIDADES E RESISTÊNCIA

A invisibilidade literária dos afrodescendentes é antes de tudo um projeto. Ao declarar tal fato, o da arte de tornar invisíveis pessoas, práticas culturais, religiosidades e identidades, o fazemos por reconhecer que sempre houve autores afrodescendentes em nosso país, e a invisibilidade ou branqueamento, de acordo com os diferentes casos, deveu-se a diferentes interesses e contextos.

Essa invisibilidade podemos perceber ao estudar sobre os primeiros escritores afrodescendentes que conseguiram driblar, ou não, os impedimentos e obstáculos provocados pelo racismo vigente na sociedade. Autores como Domingos Caldas Barbosa (1738/1740-1800), Luiz Gama (1830-1882), Machado de Assis (1839-1908) e Cruz e Sousa (1861-1898), reconhecidos como geniais em vida, sofreram em diferentes níveis a discriminação étnico-racial da sociedade da época, legando-nos em suas obras as marcas dessas violências. Nesse sentido, podemos citar como exemplo o poema narrativo de Cruz e Souza intitulado *O emparedado* (1900). Ao discutir a questão de escritores afrodescendentes que se assumissem como tais, Duarte (2018) pondera que eram:

[...] Submetidos a um pensamento científico que praticamente os proibia de se declararem negros ou mulatos, a exemplo de Maria Firmina dos Reis. Autores impelidos a uma negrícia ou negrura abafadas e tendo na literatura uma forma de expressão do retorno do recalcado, como no caso de Machado de Assis. Em ambos, não há uma voz autoral que se assumia negra, como no texto do “Orfeu de Carapinha” Luiz Gama. Daí a dificuldade de enquadrar “Pai contra mãe” ou *Úrsula* como literatura negra, e não apenas devido à sobrecarga de sentidos políticos ou folclóricos agregados ao conceito (DUARTE, 2018, s/p).

O pesquisador pondera que alguns autores tiveram sua cor da pele ignorada, como Maria Firmina dos Reis (1825-1917). Outros, como Lima Barreto (1881-1922), foram ignorados pela crítica, por sua temática e sua condição de afrodescendente, e suas obras somente foram reconhecidas como grandes no século passado. Esses autores são considerados como precursores da Literatura afro-brasileira, e suas obras revisitadas na atualidade como marcos da resistência, uma vez que:

[...] No momento em que se faz um levantamento da produção canonizada, logo se percebe que, praticamente, não há escritores de pertencimento racial negro, que assumem as tradições africanas em suas obras, sendo esses sempre a minoria da nossa tradição literária (DIONÍSIO, 2013, p. 25).

Para compreender a origem dessa invisibilidade, tomamos como premissa a ideia de que a colonização deixou como legado o pensamento de *colonialidade* (QUIJANO, 2010). *A colonialidade:*

[...] Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal (QUIJANO, 2010, p. 84).

Nesse sentido, as relações de poder se estabelecem a partir de premissas que se estruturam por meio de critérios raciais, desdobram-se em econômicos e sociais. Essa ordenação do mundo é estudada por Santos (2010), que denuncia essas relações extremamente desiguais, que podem ser definidas pela separação do mundo em dois, o dos colonizadores e dos colonizados. Essa linha que demarca a separação desses mundos o pesquisador chama de abissal, nomeando o abismo existente entre os que têm plena cidadania e os que são marginalizados. O



estudo de como se dá a perpetuação dessas relações de desigualdades herdadas do período colonial, que se estabelecem entre o ser, o saber e o poder, são as premissas dos trabalhos decoloniais.

O que compreendemos como mundo civilizado foi estruturado sob o poder da imposição de uma cultura sobre as demais. O processo colonial dividiu o mundo entre civilizados e bárbaros, estabelecendo práticas culturais que são mantidas até os dias atuais, perpetuando o racismo a cada dia. Nesse sentido, a superação do racismo, na forma em que ele se manifesta hoje, passa por denunciar as práticas culturais que o perpetuam e educar as pessoas no sentido de superação das epistemologias que validam o discurso racista. Os estudos decoloniais apontam para a perspectiva de superação das práticas deixadas pelo processo colonial a partir dos estudos interculturais, que pressupõem a construção e valorização de epistemologias pensadas a partir do Sul.

Nessa tarefa, a literatura é uma das áreas de conhecimento que pode pensar a interculturalidade com respeito às diferenças, promovendo estudos e trabalhando a partir de pressupostos teóricos formulados na perspectiva do Sul. Isso porque em terras brasileiras “[...] encontramos, sobretudo na voz dos afrodescendentes, uma narrativa que rememora África, denunciando a condição de vida dos afrodescendentes, e que, nas últimas décadas, apresenta-se afirmando um sentimento positivo de etnicidade [...]” (DIONÍSIO, 2013, p. 58-59). Nesse sentido, a Lei 11.645/2008 é importante instrumento para valorização das produções literárias das diferentes culturas.

## 2 CADERNOS NEGROS: AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE AFRODESCENDENTE

Neste artigo selecionamos para estudo dois poemas presentes em *Cadernos Negros*, uma

produção que iniciou sua trajetória de publicação em anos alternados entre poesia (1978, nº 1) e prosa (1979, nº 2). Os organizadores das coletâneas são escritores formados na militância dos movimentos sociais, um grupo que autofinancia essas publicações e aceita contribuições de autores afro-brasileiros de todo o país. O *Quilombhoje*, de São Paulo, três anos após a primeira publicação, assumiu a parceria para a continuidade do projeto. Esse esforço conjunto é explicitado na fala dos organizadores da edição do volume 29:

Cada volume de *Cadernos Negros* é a atualização de um exercício de solidariedade. A literatura afro-negra vai se firmando desse jeito: da experiência coletiva para a experiência coletiva. A vida se faz de luta e desafios. Viver, para nosso povo, tem significado obter força para transformar o impossível em beleza (BARBOSA; RIBEIRO, 2006, p. 15).

Essa publicação, de 2006, com que estamos trabalhando, traz uma antologia de poesias apresentadas pelos organizadores que destacam a presença ainda tímida das produções femininas com a seguinte explicação: “o olhar, o ritmo e a estética feminina desta vez estão nos textos de *nove delas*, que tiveram a coragem de rasgar a fina lingerie da poesia. Embora os aplausos sejam ainda contidos, já que encontramos neste *Cadernos versos de vinte homens*, valeu [...]” (BARBOSA; RIBEIRO, 2006, p. 16).

Consideramos importante destacar a participação feminina nessa antologia. Fortalecida nos movimentos sociais, a voz afrodescendente de mulheres ecoa fazendo versos e construindo novas narrativas sobre si. Nesse sentido, a voz que fala de seu mundo e, dessa forma, contribui para que esse possa ser humanizado, está em sintonia com o que Octavio Paz define como papel do poeta, pois:

O poeta fala das coisas que são suas e de seu mundo, mesmo quando nos fala de outros



mundos: as imagens noturnas são compostas de fragmentos das diurnas, recriadas conforme outra lei. O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem (PAZ, 1982, p. 230).

Quando Paz (1982) discute o papel do poeta como parte do processo de humanização do homem, percebemos a importância da voz das mulheres afrodescendentes, pois estas narram a experiência de viver e sobreviver ao racismo, ao patriarcado, às estruturas que aprisionam o ser, o saber e o poder na *colonialidade*. Nessa perspectiva vamos tecendo nosso processo de leitura das poesias escolhidas. Dialogaremos com a poesia de Serafina Machado, *Nuegreza*, e com a de Cristiane Sobral, *Paixão*, na compreensão que este fazer poético desnuda-se no processo de criação, permitindo-nos sonhar com outros mundos possíveis.

### 3 SERAFINA MACHADO

Serafina Machado é professora no Instituto Federal do Paraná (IFPR), fez graduação, mestrado e doutorado em Letras na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Seus estudos acadêmicos são voltados para os temas: literatura da raiva, escrita afro-feminina, negritude. A edição 29 de *Cadernos Negros* traz a seguinte informação sobre a escritora:

Nasceu em 1980, no Paraná. Talvez por ter nascido em domicílio não tenham atentado para o fato de que a menina nascera branca, como ficou atestado em sua certidão de nascimento. O tempo cuidou de pigmentar-lhe a pele, mas foi apenas com o mestrado em Letras estudando a poesia de Solano Trindade, que a consciência da negritude nasceu. Através do canto simples de Solano aprendeu a assumir com orgulho: “Sou negra”. Sua escrita é a expressão de uma

alma negra que, depois de longos anos de cárcere, encontra a liberdade em um papel em branco (CN, 2006, p. 253).

A trajetória, como poeta e pesquisadora da temática afrodescendente, possibilitou a Serafina Machado criar poemas que enunciam questões do feminino e da africanidade. Sua perspectiva é de valorização do ser, que toma consciência de que seu lugar no mundo não é aquele que pretendem lhe dar, pelo legado do racismo, mas o de seu voo magistral e imponente, que alcança as alturas. Sua voz enuncia: “sinto que a poesia ainda é uma semente que deseja extrapolar o ventre que a protege para ser ‘vida’” (MACHADO, 2006, p. 213). Abaixo transcrevemos o poema que escolhemos para nosso diálogo:

NUEGREZA  
Dispo-me  
sem pudor  
Ao mostrar as vergonhas ocultas  
Dispo-me  
ao falar de minha gente escura  
Dispo-me  
a desafiar a beleza  
Dos fios retos  
Em contraste com meu cabelo pixaim  
Dispo-me  
porque rejeito esta pele  
-selvagem, exótica, animal-  
que em mim mumificaram  
e, ao despir-me  
Mostro uma alma que se enaltece  
Em ser feminina  
NEGRA.  
(MACHADO, 2006, p. 220)

O poema traz no título as pistas da construção que a poeta dá ao tema, pois o neologismo NUEGREZA, que materializa a imagem do corpo negro e nu, despido de suas construções automatizadas pela cultura do Outro, conforme podemos constatar ao ler a continuação do poema em versos curtos, reitera o que foi vislumbrado no título.



O eu lírico diz nos três primeiros versos: *Dispo-me/ sem pudor/ Ao mostrar as vergonhas ocultas*: temos a evocação desta imagem do corpo feminino que se despe, o pudor seria a amarra herdada da cultura dominante, eurocêntrica, que impôs limites e modelos ao corpo feminino, negro, tornando-o objeto. O terceiro verso comprova essa leitura, já que, ao dialogar com a tradição literária usando os termos “vergonhas ocultas”, reporta-nos a um texto da literatura de viagem, considerado texto fundador da literatura brasileira, a carta de Pero Vaz de Caminha, que usa a expressão “vergonha” em cinco momentos diferentes:

Na primeira vez, o cronista o usa quando descreve os homens: “eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram” (CAMINHA, 2018, p. 2). Na segunda e terceira vez que fala sobre “as vergonhas”, continua descrevendo os homens. Na quarta vez em que o termo aparece, serve para descrever as mulheres que acompanhavam os homens nativos da terra encontrada:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha (CAMINHA, 2018, p. 4).

Por essa citação, sobre o corpo da mulher encontrada em terras brasileiras, observado sem “nenhuma vergonha”, vemos que a linha abissal, discutida por Santos (2010), que separa as mulheres nativas das da metrópole, começava a ser traçada desde o primeiro contato, o olhar sem pudor, indicando a condição de conquistador. Essa condição de poder sobre o corpo do outro é o que o poema busca desconstruir.

A ação de desconstrução da *colonialidade* do ser feminino continua nos versos seguintes: *Dispo-me/ Ao falar de minha gente escura*, visto que nesses versos o despir não é apenas físico, mas o de conquista da voz. A literatura brasileira muitas vezes tematizou o negro, mas era uma fala sobre o outro, tratado como objeto, desqualificado como ser, conforme o projeto colonial. No poema o eu lírico reivindica a fala para si, como sujeito. Esse tema é bem desenvolvido na obra de Lobo (2007), *Crítica sem juízo*, no capítulo que trata sobre o negro, destacando que o lugar de fala do negro deixava de ser o de narrado pelo outro para ser o de o protagonista de sua própria fala e vida, a passagem de *objeto a sujeito*.

Os próximos versos do poema são: *Dispo-me/ a desafiar a beleza/ Dos fios retos/ Em contraste com meu cabelo pixaim*. Nesses versos o eu lírico rompe com o modelo de beleza imposto pela cultura dominante. O corpo que venceu o processo colonial de escravização precisa agora vencer o da *colonialidade*, que lhe impõe práticas culturais e padrões de beleza que subalternizam a beleza da mulher negra.

Podemos constatar essa afirmação nos versos seguintes: *Dispo-me/ porque rejeito esta pele/ -selvagem, exótica, animal-/ que em mim mumificaram*. A superação do “ideal de beleza” da mulher negra, somente reconhecida nos papéis a ela destinados: os de fêmea, de mulher disposta e disponível à cópula, sem compromissos outros, destinada ao prazer, não ao casamento. O corpo a ser exposto, na avenida, durante os carnavais, mas não assumido como parceira da vida. Essa perspectiva é bem desenvolvida e denunciada no conto *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, concluído em 1922 e publicado em 1948.

Nos últimos versos o eu lírico declara sua liberdade pois afirma que: *e, ao despir-me/ Mostro uma alma que se enaltece/ Em ser feminina/ **NEGRA***. Nesses versos a assunção de sua identidade plena, livre, decolonial. Assume



a identificação de mulher negra, feminina e libertada das amarras que lhe foram impostas na longa noite colonial. Surge a celebração dessa condição de liberdade: corpo e alma libertos das narrativas que oprimiam e limitavam a vivência na ancestralidade.

## 4 CRISTIANE SOBRAL

Cristiane Sobral é poeta que trabalha em sua lírica a questão da etnicidade na perspectiva de exaltação dos valores negros, construção afirmativa de identidade (HALL, 2005). De uma voz que se enuncia e que se quer negra (BERND, 1988). A poeta afirma, na introdução de seus poemas na coletânea que estamos analisando: “ao escrever procuro desvendar os mistérios do reino das palavras como uma criança em busca de estratégias para montar um quebra-cabeças, num exercício de inteligência e sensibilidade” (SOBRAL, 2006, p. 49). Ela:

Nasceu no Rio de Janeiro aos 19/11/1974 e mora em Brasília desde 1990. Iniciou suas atividades artísticas em 1989 num curso de Teatro no Senac do Rio de Janeiro e nunca mais deixou de atuar. Formou-se em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade Católica de Brasília e a graduação em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília. Recebeu vários prêmios, como o *Prêmio Multishow do Humor Brasileiro*. Desde 1998, trabalha para a Embaixada de Angola no Brasil como Assessora de Cultura [...] (CN, 2006, p. 242).

A poesia que escolhemos trabalhar trata do sentimento com marcas étnico-raciais, na perspectiva de estabelecimento de relações amorosas, de superação dos entraves que a cultura impõe nas construções afetivas. É a voz que usa de seu poder enunciativo para denunciar o preconceito da sociedade com relação às práticas culturais do negro, fazendo o leitor pensar sobre seu próprio preconceito. Abaixo o texto que escolhemos.

## PAIXÃO

Ei, olhos de azeviche!  
Contigo quero dançar.  
Um ritmo negro, persistente como piche,  
Valsa da existência escura na volta ao lar.

Ei, olhos de azeviche!  
Seu cabelo crespo aqui tem lugar.  
Tem movimento algodão, legítimo, fetiche.  
Pra quem souber reinventar...

Olhos de azeviche.  
Cor da magia da noite a encantar,  
Mistério desconhecido embora eu capriche,  
Que vença o seu dom de hipnotizar.

Azeviche.  
Tesouro de valor difícil de encontrar.  
Pérola filha da mágoa transformada  
em puro azeviche.  
Vamos reluzir no brilho do fogo  
da vontade de amar.  
(SOBRAL, 2006, p. 50)

O poema que escolhemos tem por tema e título a *Paixão*, que nos faz pensar no relacionamento lírico amoroso. O eu lírico na primeira estrofe já nos introduz nesse universo que tem marcas do fazer e do ser afro. Essa perspectiva inicia-se no primeiro verso, pela evocação feita pelo eu lírico àquele(a) a quem chama de *olhos de azeviche*, que é convidado(a) a dançar, não qualquer dança, mas aquela que traz o *ritmo negro*, reiterado no termo *piche*, marcando o campo semântico do universo afrodescendente. Este é reforçado no último verso da primeira estrofe, que define a *existência escura* que retorna ao lar. Nessa estrofe vemos descortinada a vivência amorosa afrodescendente, com cores e ritmos.

Na segunda estrofe reitera-se o convite: *Ei, olhos de azeviche!*. Percebe-se o eu lírico buscando a cumplicidade do outro na afirmação positiva de seus traços afrodescendentes: cabelos crespos. Essa característica é tematizada com positividade, leveza. O crespo



tem *movimento de algodão*, provoca no eu lírico *fetichê*, o campo semântico da última estrofe é afirmação de identidade: *Pra quem souber reinventar...* as reticências marcam as diferentes possibilidades de identidades a serem construídas, reinventadas, modeladas, assim como os cabelos crespos podem ser (HALL, 2005).

Na terceira estrofe, não há o vocativo, apenas a contemplação dos *Olhos de azeviche*, que propiciam ao eu lírico a evocação dos encantos da noite, comparação com os encantos noturnos e a cor da pele desejada. O eu lírico é cativo desse encantamento provido de forças misteriosas a os unir, visão positiva da existência lírico amorosa afrodescendente, a descolonizar as relações afetivas.

Esse estado de encantamento leva o eu lírico a declarar, na última estrofe, a condição desse relacionamento, o da raridade do encontro entre os seres. Nesse sentido, percebemos a valorização da cor da pele afro, quando o eu lírico a compara com a raridade da pérola negra: *Pérola filha da mágoa transformada/ em puro azeviche*. Vê-se a busca por exaltar sua beleza e valor na construção da estima por si, que assim como a pérola é formada pela superação da dor, a estima afrodescendente deve florescer apesar da dor, na superação desta.

O poema termina com o apelo ao amor, como forma de superação de todos os infortúnios na construção de relações que se estabeleçam no pleno direito a vida, à vivência lírico amorosa no *fogo do amor*.

## CONSIDERAÇÕES

Nossa intenção ao trabalhar com os textos escolhidos foi de visibilizar essas obras que são permeadas pela identificação afrodescendente e valorização do sujeito negro. Este é um aspecto importante a ser considerado, compreender as estratégias de sobrevivência de uma população

invisibilizada pelo processo de colonização. Encontramos nas poesias a voz afrodescendente que assume sua identidade, rompe com os estereótipos sobre a vivência e ainda permite compreender as condições de superação das práticas culturais de *colonialidade*.

Tanto a poesia de Serafina Machado como a de Cristiane Sobral apontam para a superação do preconceito. Nesse sentido, nossa intenção de visibilizar as relações de conflito para construir novos significados foi satisfeita. O cumprimento da Lei 11.645/2008 dá-se por meio de nossas discussões e por pautarmos a literatura a partir de seu suplemento afro, como forma de romper com preconceitos e construir uma sociedade mais intercultural.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.) **Cadernos Negros**, vol. 29: Poemas. São Paulo: Quilombhoje, 2006.

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

**CADERNOS NEGROS**, vol. 29: Poemas. Org. São Paulo: Quilombhoje, 2006.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 01 out 2018.

DIONÍSIO, Dejour. **Ancestralidade bantu na literatura afro-brasileira**: reflexões sobre o romance “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. In: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>, acesso em: 10 set 2018.



- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guaracira Lopes. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- MACHADO, Serafina. Nuegreza. In: BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.) **Cadernos Negros**, vol. 29: Poemas. Org. São Paulo: Quilombhoje, 2006, p. 213-220.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria de Paula (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria de Paula (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria de Paula (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SOBRAL, Cristiane. Paixão. In: BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.) **Cadernos Negros**, vol. 29: Poemas. Org. São Paulo: Quilombhoje, 2006, p. 49-56.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

MENDES, A. C. D. Lírica e afrodescendência: Identidades étnicas em *Cadernos Negros*. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 5, p. 74-81, 2018.